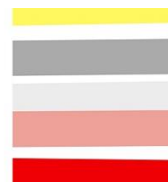




AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



LITERATURA E ESPAÇOS DE MEMÓRIA NA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

LITERATURE AND MEMORY SPACES IN THE FEMALE AUTHORSHIP WRITING

Profa. Dra. Nincia Borges Teixeira
Universidade Estadual do Centro-Oeste
ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo analisa configurações de memória em narrativas escrita por mulheres e busca-se evidenciar seu entrelaçamento com a construção da identidade e da subjetividade de quem narra suas experiências. A escrita de autoria feminina, hoje, insere-se no universo da crítica literária de uma forma que não permite a associação entre valores de ordem estética e outros medidos pela questão do gênero. A presente pesquisa analisa a escrita de autoria feminina na obra da escritora paranaense Adélia Maria Woellner. O estudo pretende proporcionar visibilidade acadêmica às escritoras paranaenses, (re)construindo, de certa forma, o cânone literário contemporâneo.

Palavras-Chave: memória, escrita de autoria feminina, literatura paranaense, subjetividade

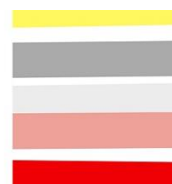
Abstract: This article analyzes memory configurations in narratives written by women and seeks to highlight their intertwining with the construction of identity and subjectivity of those who narrate their experiences. The writing of female authorship today is part of the universe of literary criticism a form that does not allow the association between values of aesthetic order and others measured by the question of gender. This research analyzes the writing of female authorship in the work of the Adana Maria Woellner. The study aims to provide academic visibility to the writers of Paraná, (re) building, in a way, the contemporary literary canon.

Keywords: memory, feminine authorship, literature from Paraná, subjectivity

“A intenção é de abrir o coração e a alma. Demonstrar que tudo é motivo de crescimento e nada é razão para abandonar a trilha da vida”. Adélia Woellner

1 Primeiros olhares

Segundo Pollak (1992), a memória é constituída por acontecimentos, pessoas, personagens e lugares. Os acontecimentos podem ter sido vividos pessoalmente, vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual uma pessoa tem sentimento de pertencimento. As pessoas podem ou não ter participado do acontecimento naquele determinado espaço-tempo, mas contribuem para a formação da memória. Já os lugares são aqueles que



possuem uma ligação particular com alguma lembrança que favoreça um sentido de pertencimento. Assim, para ele, a memória é definida como:

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1989, p.16)

Pollak (1992) nos fala que pensar a construção da memória somente é possível quando esta é relacionada ao tema identidade. Isso porque, para ele, na construção da identidade é necessário levar-se em conta três elementos: a unidade física (no sentido de lugar), a continuidade dentro do tempo (não apenas no sentido físico, mas moral e psicológico), e por fim, o sentimento de coerência. Ainda de acordo com ele, a relação entre memória e identidade, define que a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente).

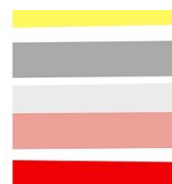
Halbwachs (2006), parte da afirmação de que qualquer memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva. A explicação para isso seria de que todas as lembranças são formadas no interior de um grupo. O sujeito pode ter a sensação de que possui uma memória própria, entretanto, o que pode haver, nesse caso, é uma internalização de representações de uma memória histórica. Basicamente, a memória coletiva engloba a memória do grupo e cada membro desse grupo se identifica com essa memória coletiva. Assim, torna-se impossível ao sujeito lembrar de algo pertencente a um grupo com o qual suas lembranças não se identificam. Segundo Halbwachs (2006):

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Pollak (1992), assim como Halbwachs (2006), reitera a ideia de que a construção da memória funciona como uma estratégia para fixar identidades. Segundo ele, há uma estreita ligação entre a memória e o sentimento de possuir determinada identidade. Pollak (1992) ainda fala sobre um “enquadramento da memória”, que seria a escolha entre aquilo que vai ser lembrado e o que deve ficar esquecido. Essa ideia é



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGÜÍSTICA



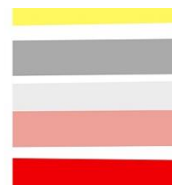
complementada pela afirmação, tanto do próprio Pollak (1992), como de Halbwachs (2006), de que a memória coletiva é um processo de construção do passado, que acontece a partir de demandas do presente e a afirmação de identidades sociais para os que estão envolvidos nesse processo.

O trabalho de enquadramento de memória se alimenta do material oferecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1992, p.09-10).

Huyssen (2000), acerca da relação identidade/memória, assevera: “A memória é fragmentada. O sentido de identidade depende, em grande parte, da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados. O passado, assim, é descontínuo.” (2000, p. 103). Assim, o processo que envolve a memória é muito mais complexo do que pode parecer. Segundo o autor, dependendo da forma como esses fragmentos de memória forem remontados, os sentidos de identidade que surgirão a partir deles poderão ser diferentes.

As investigações que visam o resgate de textos de autoria de mulheres, hoje constituem uma das mais produtivas linhas de pesquisa no âmbito dos estudos feministas. Elas têm levantado questões esclarecedoras e pertinentes sobre o sistema de representações operadas pelo construto da história literária. Isso se deve ao fato de que seus fundamentos estão comprometidos com convicções estéticas, ao expressar valores ideológicos explícitos, mantenedores da invisibilidade no cânone da produção literária procedente da autoria de mulheres. Salienta-se a importância da revisão do discurso crítico, pois é ele o responsável, em última análise, pelo estabelecimento de quadros de referência que regulam as condições de recepção de obras dentro de um determinado contexto nacional, vindo a definir o que se entende por boa literatura e, portanto, a determinar que obras constituem a singularidade representativa, discursiva e simbólica da cultura nacional.

A literatura de autoria feminina, para Constância Duarte, “[...] tem se revelado um campo profícuo, porém, dela ainda é requerida afirmação plena no interior da literatura universal” (2003, p. 151). A visibilidade de tal produção revela aspectos de



uma intimidade preservada ao longo dos séculos da história e propicia a insurgência de um vivido, marcado pelo recato, pelo segredo, pela sutileza ou, mesmo, por um cotidiano enredado em obediência, submissão, acomodação, resistência e/ou afirmação. Na natureza representativa da literatura, está o seu modo de ser, de existir, dependente de sua função tanto artística como social em seu caráter documental. O fenômeno literário, tomado como conjunto de elementos interdependentes, que agem em interação, desenvolve-se historicamente dentro de um outro sistema maior, revelando todas as nuances da cultura e recriando aspectos da realidade. Inquestionável, portanto, a contribuição de tais vivências, cujos relatos, através da literatura, são convertidos em documentos escritos e publicados, legados aos que serão vindouros.

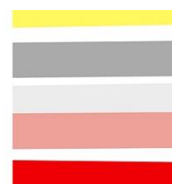
Os conceitos e limites do que se entende por tradição estão sendo redefinidos nesses últimos tempos. Em função dos princípios globalmente entendidos como pós-modernos, advindos do pós-estruturalismo e do feminismo, parte-se hoje do reconhecimento de que as fronteiras e as margens no plano das manifestações da cultura não são absolutas. Sabe-se que, de modo geral, a tarefa de descrever a tradição literária não poderá se reduzir ao traçado e à ordenação diacrônica do cânone. Ao contrário, seguindo o percurso unilinear do processo, que não deve ser desprezado, deve-se levar em conta que este se encontra envolvido por um tecido enredado de manifestações de margem, as quais se cruzam entre si e com o fio central.

A representação da figura feminina em obras ficcionais é, segundo Ruth Brandão (2004), construída e reproduzida no registro do masculino e não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio e aí circula, neste espaço privilegiado que a ficção torna possível. A autora, ao se referir ao texto literário, expõe que nele está o “palco ficcional, metáfora do palco psíquico, com seus espaços, com seu jogo de luz e sombras, com seu discurso de chefe; ele se traveste de forma a confundir o lugar de onde fala e de onde constrói seus fantasmas”.

Identidade e diferença são criações sociais e intelectuais disputadas nas relações de poder. Na literatura, a representação dos homens e das mulheres e das relações entre eles, tem, há séculos, o caráter de reservar à mulher a condição de inferioridade. Mesmo



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



na narrativa brasileira contemporânea, a mulher continua representada em condição marginal. Como afirma Teresa de Lauretis,

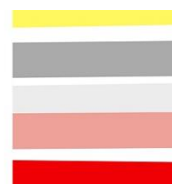
As concepções culturais de masculino e feminino, como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados, formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais (LAURETIS, 1994, p. 211).

Se a igualdade de gênero depende da superação da disputa por poder, que reside na base das relações entre os sexos, podemos entender esse mecanismo como uma estratégia masculina de luta no campo social, que subentende a desvalorização daquele com quem se disputam posições, no caso, a mulher. Ao criarem repetidamente personagens femininas em situação inferior, os autores (que são em sua maioria homens) também atuam de forma performativa, como agentes produtores da exclusão das mulheres.

A escrita de autoria feminina busca, por meio dos personagens, estabelecer representações que questionam e contestam as posições ocupadas por homens e mulheres na sociedade. A inclusão social da mulher passa por um processo de renovação da sua identidade em todos os setores, inclusive no campo literário. A produção literária de autoria feminina pretende falar da luta da mulher por espaço, reconhecimento, igualdade, mas, sobretudo, da reformulação da identidade feminina na sociedade.

A partir da representação de gênero pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos; o seu estudo é um meio de decodificar e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. A representação pode ser considerada como a consolidação de um discurso que constrói uma identidade do feminino e do masculino que encarcera homens e mulheres em seus limites.

A exclusão histórica da autoria feminina no campo institucional da literatura, em especial no Paraná, foi resultado de práticas culturais que privilegiaram a enunciação do sujeito dominante da cultura, o sujeito masculino. As causas do silêncio envolvendo a história literária da mulher encontram-se nos preconceitos que sempre cercaram a



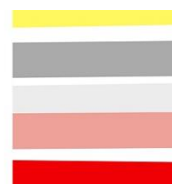
escrita feminina. Os críticos literários do passado, em sua maioria homens de letras, sempre tiveram uma atuação determinante na configuração dos cânones nacionais, através de trabalhos acadêmicos.

O objetivo desse trabalho é, pois, examinar a relação entre literatura e memória nas práticas discursivas de uma cultura construída a partir do androcentrismo, ao criar a imagem negativa do feminino e ao projetá-la como outro. Se o masculino está para a norma, para o universal, o feminino está para o desvio, para o particular, o inessencial, segundo Simone de Beauvoir (1980). A escritora, selecionada para a pesquisa, é Adélia Woellner, que em sua obra questiona o modelo patriarcal, buscando soluções para impasses existentes. O tom de suas narrativas é memorialístico e concentra-se no íntimo, possibilitando a revelação dos segredos de sua subjetividade no cotidiano da mulher.

2 Memória e subjetividade na obra de Adélia Maria Woellner

Adélia Maria Woellner nasceu em Curitiba. É Formada em Direito pela Universidade Federal do Paraná. Foi professora da PUC-PR. Pertence à Academia Paranaense de Letras, ao Centro de Letras do Paraná, ao Centro Paranaense Feminino de Cultura, à Academia Paranaense da Poesia. Sua obra é constituída pelos seguintes títulos: *Balada do amor que se foi* (1963), *Nhanduti* (1964), *Poesia Trilógica* (1972), *Encontro Maior* (1982), *Avesso Meu* (1990), *Poemas Soltos* (1992), *Poemas para Amar e Infinito em mim* (1997), *Luzes no Espelho* (2004), *Sons do Silêncio* (2004).

Em suas obras, a autora focaliza temática voltada à memória, à experiência, ao cotidiano familiar. Em sua relação com o público leitor, Woellner constrói um diálogo interativo, como avaliação crítica da construção da identidade feminina, que problematiza a estabilidade em todos os níveis do interagir coletivo. Na raiz de sua escrita, ela revela que as experiências que as mulheres têm de si mesmas e dos outros são formadas por meio de desequilíbrio do poder inerente à ideologia patriarcal. Parte do relacionamento consigo mesma, com seu parceiro, famílias e empregadores, Adélia desafia e incentiva todos a desafiarem as polarizações características dos regimes de gênero



A obra selecionada para análise intitula-se *Luzes no Espelho*. A presença do espelho, que atravessa a literatura mundial, torna-se motivo recorrente em vários títulos da literatura brasileira atual, sempre associado à busca da identidade. Nas miragens do espelho, ocorre o desvelamento das máscaras que a mulher usa para esconder o que sente e o que finge sentir. Por meio do espelho, encontra-se a identidade. Nessa obra, a escrita de Woellner assume um caráter confessional. O sentido etimológico de confissão é desvelar, manifestar, dar a conhecer, o que já nos insere no universo de desvelamento do *eu* que a literatura confessional vem suscitar.

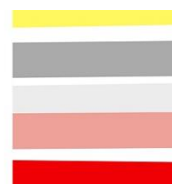
É possível perceber em *Luzes no Espelho*, a autoescrita de um *eu* personagem, que é, via de regra, (con)fundido com as memórias da própria autora. Rica em conflitos íntimos, expectativas violentadas e esperanças desfeitas, essa é uma obra envolvente sobre a mulher e a aventura de viver. A memória na escrita adeliniana comparece fornecendo elementos para compor novas práticas, referenciadas a formas de vida, infelizes e dolorosas vivenciadas, no passado. Insinua-se uma escrita marcada por um tom intimista, confessional, uma estreita relação entre a literatura e a intimidade da vida.

A escrita de Adélia Woellner é marcada por uma grande afinidade entre leitor e obra, fruto da suposta impressão de proximidade que o texto se apresenta. Pela recepção das venturas e desventuras narradas por quem vive suas alegrias e angústias, propicia-se ao leitor um momento para lembrar, refletir e reviver suas próprias experiências. Além disso, tem-se a ilusão de que a escritora se desmascara, desnuda-se por meio de seu texto, dando a impressão de uma proximidade, de uma intimidade entre aquele ser, pessoa física que compôs a obra, e aquele que a lê.

No livro analisado, há a apresentação de um ponto-de-vista particular que individualiza a existência do *eu* que se inscreve. Como em qualquer literatura, nada pode ser tomado como representação fiel da realidade, mas como possibilidade mimética de construção artística. Adélia, em sua construção literária, remete à volta do *eu* ao passado para construir o presente. Esse presente que se constrói e que, logo depois de configurado como passado, desfigura as concepções do passado que certamente será alterado com as vivências desse presente. É importante salientar que as memórias, que são formadas a partir de fatos esquecidos, portanto, só se configuram como tal porque se conformaram como esquecidas em determinado momento.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



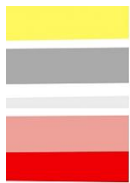
Na obra, *Luzes no espelho*, a escritora passeia pelas descobertas do cotidiano, pelas questões femininas, pela paixão. A escritora afirma que ao escrever “A intenção é de abrir o coração e a alma. Demonstrar que tudo é motivo de crescimento e nada é razão para abandonar a trilha da vida”. As realidades do dia-a-dia e as representações simbólicas são registradas em narrativas que registram com fidelidade as etapas da vida da mulher, tais quais são vistas no mundo, numa linguagem racional e empírica. O universo de sua escrita é o espaço em que pode se libertar dos padrões e transcender o lugar comum em busca dos verdadeiros significados. “O assunto aflora, as palavras surgem aos borbotões. Planto imagens no papel. Quantas vezes, tudo pronto, me surpreendo. Essa sou eu?”

Luzes no espelho é resultado de experiências individuais, da vida privada e da vida pública. A autora delega à memória a função de re-elaborar sua própria experiência de vida; o resgate simbólico das fases de sua vida (casamento, maternidade, separação, recomeço, concursos e diploma) impressiona pela intensidade. A memória é o *locus* privilegiado do imaginário, berço de toda ficção.

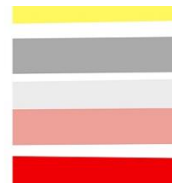
Era domingo. Meu pai e eu termináramos o serviço de entrega de pães em torno do meio-dia. Chegada a hora de a caminhonete Ford-41, descansar, pois, afinal, estava funcionando desde as três e meia da madrugada.... Enquanto o motor esfriava, a comida fumegante era servida na mesa simples, retangular, que ficava na cozinha, ao lado do fogão a lenha. Não havia novidade. O almoço de domingo mantinha a tradição: macarrão, posta ensopada, às vezes recheada com toucinho, salada de batata com molho maionese caseiro. Minha mãe misturava as gemas de ovo (uma, cozida, bem amassada, com gema crua) e ia acrescentando o azeite aos pouquinhos, mexendo bem com o garfo, para não talhar. O colorido do molho acentuava e dava brilho à suave cor das batatas cortadas em rodela. Depois, normalmente, a sobremesa: pudim Medeiros... Em dias especiais e muito raramente, uma gasosa Cini era o acompanhamento festejado. (WOELLNER, 2004, p.76).

Essa memória, quanto mais enterrada no âmbito do privado, mais frutifica no plano simbólico, atesta Nélida Piñon¹ (2002), ao confessar que ao narrar, empreende a viagem ao seu centro, cujas margens ela desconhece. A memória individual é o

¹ Para Nélida Piñon, graças à memória ingressa-se no domínio da invenção. A arte de narrar certamente tem como função inventariar a memória. Para nascer, diz ela, o texto atravessa inexorável terra, camadas incessantes, que o escritor leva dentro de si.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



território do secreto. Espaço de absoluta privacidade. Na narrativa de Woellner, recordações e reminiscências, lembranças e esquecimentos manifestam, ora explicitados ora de forma escamoteada, sob diferentes ardis estratégicos, a permanente intervenção de material memorialístico na matéria narrada. Pela intervenção da memória, constrói-se a narrativa secreta da vida, que se separa da narrativa oficial (quando não se opõe a ela), construção que tentamos legalizar, não só em relação ao mundo exterior, mas também em relação ao nosso próprio mundo. E a narrativa secreta é sempre inquietante, subversiva e, no sentido possível deste termo, verdadeira (AGULLOL, 2002, p. 22).

Olhando da rua principal, ali no Alto da Caixa d'Água (hoje av. Castelo Branco, junto à praça das Nações), é difícil supor que, naquela casa grande e bonita, revestida de pedras, existia moderna panificadora: a Marumby, cuidada diretamente pelos dois Osvaldos: o Matte, que a criou e instalou, e o Woellner (Passarinho), seu sócio.

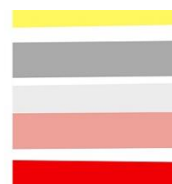
Três e meia da madrugada... Estrelas piscando no céu transparente de Curitiba. O frio intenso indicava que, ao amanhecer o dia, com certeza a geada ainda estaria branqueando a grama e o telhado das casas... e até, a madeira úmida dos dormentes da estrada de ferro e das pontes e pontilhões, tão comuns naquele tempo...

1949... 1950... 1955... os anos passavam e, de terça a domingo, o pão era distribuído, religiosamente, aos “negociantes” e para algumas residências particulares. Segunda-feira era o dia de folga, porque, aos domingos, a folga era dos padeiros.

A maioria dos entregadores de pães utilizava carrinho tracionado a cavalo. Nós, porém, já tínhamos mais conforto: meu pai possuía uma caminhonete Ford-41, carroçaria de madeira, pintada de marrom e amarelo-creme. Bonitona mesmo... Três quilômetros, mais ou menos. E a lama faz escorregar. Acho que não sinto nada. Tenho apenas que entregar o pão dos alunos, que o esperam para o café da manhã.

Sinto-me forte, importante. Nenhuma criança é como eu. Tenho orgulho, porque os amigos do meu pai elogiam meu trabalho. Já passei da metade do caminho. Agora, o difícil é a descida, sem escorregar no capim molhado. Pela rua, não dá. É muito barro... atola o pé. (WOELLNER, 2004, p.21).

A escrita de Adélia é sobre o *eu* é, antes de mais, um ato de consciência, um exercício espiritual. O exercício praticado por ela ocupa lugares mentais por excelência, e pelo recurso à lembrança e à memória, a autora recapitula o espaço e o tempo, contribuindo para a elaboração de uma história individual e coletiva. Numa complexa narrativa, o protagonista/personagem torna-se interlocutor de sua própria experiência e de sua inserção no mundo como cultura e como natureza. A narrativa da própria vida

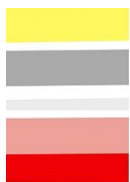


lhe dá constituição e se insinua como forma de construção da consciência do estar no mundo. Ela se traduz numa relação da própria literatura com os aspectos íntimos da vida, um espaço edificado sob a égide da intimidade. Busca recuperar a espessura existencial da vida cotidiana, tentando surpreender, na experiência de cada dia, aqueles momentos de resistência do vivido, de insurgência da beleza e da verdade, capazes de dissolver os vínculos da rotina.

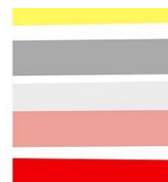
Há dois dias estou casada. É noite e estou sozinha no pequeno e simples quarto do hotel de Matinhos. Esse quarto é estranho. Sinto tristeza e solidão. Tenho vontade de sair, ir lá embaixo, assistir, pelo menos; gosto de ver pessoas dançando, soltas, livres. Mas estou presa pelo medo. Choro. Encolho-me na cama, como criança cumprindo castigo. (...) O dia chega e termina. Tento agir como se nada tivesse acontecido. (WOELLNER, 2004, p.30).

O nutriente de toda obra literária é a imaginação. O que chamamos de invenção, no campo literário, resulta das operações de linguagem que selecionam e combinam, promovendo articulações sintagmáticas que tecem um enredo, configuram um personagem, armam uma cena, dando outra cara àquilo que um dia foi vivido no corpo, reinventando a existência, trazendo à tona tudo o que devia permanecer oculto no território secreto da memória. Na obra de Adélia, autora e narradora se irmanam igualmente na mesma reminiscência da experiência compartilhada por toda uma geração de mulheres: a contemplação narcísea da imagem refletida no espelho em uma perspectiva em abismo, multiplicando ao infinito a face daquela que ali se procurava.

Adélia Woellner, ao escrever, constrói um conhecimento sobre si mesma e sobre os outros. A memória é seu referencial, um espaço próprio para suas reflexões, para reelaborar suas experiências de vida, reviver lembranças, recordar e transmitir sua sabedoria. A própria autora revela a importância da memória para a sua existência: “Em algum lugar deste infinito mistério que é meu ser a emoção, a emoção primitiva, brilha e reflete, a memória de todas as eras” (Woellner, 2000, p. 63). Ela propõe um caminho para o encontro com seu eu interior. Sua escrita é existencial, voltando-se mais intensamente para a confissão do que para a ficção. Mostra a vida como um ir e vir, um nascer, um renascer e um retorno:



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



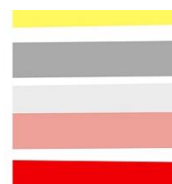
As lembranças se embolam, confusamente: o casamento com o vestido que fora do casamento da prima Leoni, reformado e ajustado pela tia Josefa.(...) modelo lembrança do filme “Cinderela” e nunca esquecido; a viagem de ônibus sem olhar para os lados; a praia, o mar infinito, porém fora do meu alcance. Meu espaço se aperta aqui dentro. Ouço vozes e música. É janeiro (...) Amanhece e chove. (...) Assim é a volta (2004, p.29).

O universo de Adélia retrata a constante busca pela identidade pessoal, o inefável sentido de existir, encontrados nos pequenos detalhes da vida. Os gestos, as declarações e os lugares comuns provocam uma materialização da memória e, assim, ativam um momento súbito de revelação. Unificar passado e presente para conferir um sentido à própria vida atual. Ou seja, construir a própria identidade. Adélia entende bem este processo, seus contos revelam uma mensagem, uma experiência, uma idéia que fica latente:

Olho-me no espelho, atentamente. Hoje consigo mergulhar no fundo dos olhos e ver ali toda a vida refletida em cada marca do rosto. As personagens que vivi desfilam em minha frente. O tempo está suspenso. Eu sou uma e sou todas. (...) Nesse espelho falante, máscaras que simbolizam risos e choros, raivas, mágoas, perdas, desafios, decepções, realizações, fracassos, rodopiam como ponteiros descontrolados de um relógio alucinado (2004, p. 117).

A escritora registra, por meio de seus contos, suas grandes descobertas, principalmente, a descoberta do seu eu interior, livre, leve que se reconstrói depois de destruir as barreiras do preconceito e da opressão. A escrita de Adélia demonstra que ser mulher não é fácil, sobretudo, ser mulher, profissional, mãe, filha e ainda escritora.

Luzes no espelho apresenta-se como cenário de um verdadeiro encontro com o eu, um registro de sua vitória existencial, sobre caminhos jamais sonhados. A obra revela sua luta interior, para vencer as angústias, imposições, bloqueios, para seguir em frente, libertar-se de tudo o que impede seu crescimento, enfim usufruir sua vitória. Por meio de sua escrita, de um lado corre a recuperação da auto-estima, há libertação de todo e qualquer patriarcalismo e, de outro, confere ênfase à vida, na medida em que compõe a sua própria visão das coisas meritórias do mundo. Apreciar o valor das suas atividades é um caminho para a essência da existência humana.



É na memória de suas narrativas que Adélia se revela, vivencia dificuldades, perdas, desamparo. Além disso, desvenda novas possibilidades, cria novos espaços, para libertar-se dos padrões impostos à mulher em toda a sua trajetória.

3 Apontamentos finais

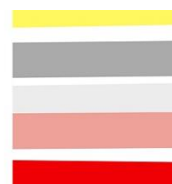
Memória e literatura apresentam-se como formas ímpares de ver e de enfrentar a realidade a partir do pensamento humano. O diálogo entre elas é como um elo que conduz para indagações sobre o entrecruzamento entre o texto literário e imagens que fundamentam processos de construção da memória coletiva e individual. A revisão do mundo através do olhar feminino possibilita o exame crítico da ordem nas relações de gênero (homem/mulher, mulher/mulher) e as várias representações que eles admitem, trazendo para o texto literário as questões do cotidiano, a angústia feminina, a sexualidade, as relações entre ficção e realidade.

Nos textos de Woellner não é difícil reconhecer vínculos com a tradição ocidental de escritura das mulheres. Pelas estratégias de encobrimento ou de silêncio, ocultam-se variantes dos protótipos de anjo e de demônio circulam pelos textos, por meio de imagens desconstruídas e reconstruídas, associando-se, não raro, a capacidade de criação de uma deformidade monstruosa que coloca a mulher à margem do normativo, como também os recursos parecidos de reinvenção dos tradicionais estereótipos femininos (mãe, esposa, amante, prostituta).

Essa forma imagética de exercer a intertextualidade propicia amplas travessias, abrindo à ficção a possibilidade de viajar por territórios extraliterários (o cinema e o teatro, por exemplo,) em busca de constituintes discursivos passíveis de reutilização pelo romanesco. O empreendimento da travessia se desenvolve na forma de um paradoxo que pressupõe proximidade e distanciamento. Considerando-se que tais incursões resultam em transcodificações nas quais a escritura aparece como um corpo cindido, que abarca fragmentariamente outros corpos textuais, engendrando novas e múltiplas significações, é possível reconhecer o expediente de apropriação utilizado, próximo do *gestus* de que fala Gilles Deleuze: “o *gestus* é o desenvolvimento das atitudes nelas próprias, e, nessa qualidade, efetua uma teatralização direta dos corpos,



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

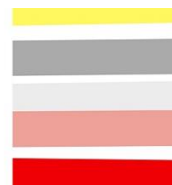


frequentemente bem discreta, já que se faz independente de qualquer papel” (DELEUZE, 1990, 231). Nessa perspectiva, os discursos valem pela sua *performance*, são cênicos: eles posam e dão a ver, em espetáculo, os recortes discursivos apropriados. Engendram o que, em sentido dramático, se pode chamar de reapresentações, reaparições que acabam por funcionar como encenações da própria escritura.

O confinamento histórico a que estavam submetidas às escritoras do passado, encerradas na casa dos pais ou nos textos dos homens, é outro tema observável em Adélia Woellner, muitas vezes, por meio da expressão de ansiedade de espaço que habita a narrativa das mulheres. O gênero memorialista, de forma geral, no passado tem sido visto em função do conhecimento que o leitor pode auferir a respeito da vida particular de um determinado indivíduo. Contudo, nas duas últimas décadas, esse gênero absorve uma surpreendente variedade de interesses, demonstrando que a leitura das memórias, associada ao escrutínio crítico do contexto no qual foi produzida, pode fornecer uma visão ampla não somente do autobiógrafo, mas também das condições sociais, culturais, políticas e psicológicas que gravitam ao redor de quem escreve a seu respeito. Perrot (2005) afirma que a abordagem biográfica, tanto das mulheres ‘excepcionais’ quanto das mulheres comuns, na totalidade de seus percursos, ou em outro segmento de existência, e até mesmo na fugacidade de uma circunstância ou de um instante, permite apreender a força da resistência ou do desejo pelo qual uma mulher se afirma como sujeito e reivindica o direito de escolher seu destino.

Sem se prender às formas e padrões fixos, Adélia Woellner desenvolve sua narrativa numa linguagem despojada; ao mesmo tempo, profunda, marcante e direta, fomentada pelo uso detalhado de metáforas, imagens, símbolos, invenções, sugestões, ousadias. Enfim, palavras e mais palavras que rasgam um universo inteiro de significados. Percebe-se uma ênfase ao universo existencial feminino e às frestas da memória que o cercam.

Em suas obras, a autora reflete, critica, questiona, revela, grita e deixa vir à tona detalhes ocultos que formam a vida humana; especialmente vigilante acerca da realidade feminina e, a partir de fatos cotidianos, talentosamente expõe o amor, a arte, a dor, o desejo, a negação, os problemas sociais, a tradição, a ruptura e tantos outros pontos, sempre com sensibilidade ímpar e olhar singular. Detalhes preciosos que



desvelam a composição do dia-a-dia da mulher seja ela escritora, funcionária pública, dona de casa, mãe ou desempenhe qualquer outra função.

Adélia põe a público, por meio de seus contos, detalhes particulares de sua vida, analisa-os criticamente, especifica sua opinião diante das coisas do mundo. Há, sem dúvida, um olhar muito sensibilizado e particularizado da autora em relação ao universo feminino que proficuamente sabe relatar. A autora de *Luzes no Espelho* revira histórias já vividas por ela, reposiciona-se sobre sua própria experiência. Ao cruzar informações e acontecimentos, a narrativa adeliniana realça um ponto de vista forjado a partir de experiências particulares e as formas segundo as quais as condições históricas são apropriadas, são reelaboradas e vivenciadas pelas pessoas nas mais diversas inserções sociais. Tal entrecruzamento permite reconstituir o tecido social em toda sua complexidade. De um lado, incorporando a multiplicidade de significados e, de outro, revelando as determinações estruturais e simbólicas que imprimem sentido às práticas sociais. A autora, em um processo de publicização do privado, alarga os espaços do refúgio do *eu*, ousa expressar os devaneios da vontade e a falar de uma imaginação, de uma vontade que sonha e que ao sonhar imprime um futuro à sua ação.

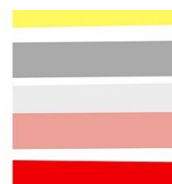
Adélia Woellner desconstrói uma representação homogênea do lugar da mulher, seja na história, seja na literatura dos séculos XX e XXI. As produções acabam por desmanchar qualquer idéia que equivocadamente se poderia ter de uma identidade comum a unir todas autoras. É evidente a contribuição das artistas para a rearticulação de uma sociedade na qual as diferenças possam ser respeitadas enquanto identidades diversas e múltiplas, e de onde elas possam emergir enquanto elemento contestador do discurso totalizante.

As histórias e fatos narrados, em sua narrativa, são compostos por meio de uma linguagem despojada; contudo, profunda, marcante e direta, fomentada pelo uso detalhado de metáforas, imagens, símbolos, invenções, sugestões, ousadas. Enfim, palavras e mais palavras que rasgam um universo inteiro de significados. Percebe-se, nas obras analisadas, uma ênfase ao universo existencial feminino e às frestas da memória que o cercam.

Ao trazer à tona a produção literária feminina paranaense viabiliza-se, o aparecimento de novas vozes que registraram a vida cultural pelo prisma feminino. É



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



uma oportunidade de confrontar as afirmações que foram feitas pelos críticos quanto à inferioridade dos textos femininos em relação aos masculinos.

Os textos não podem ter um sexo, podem, isso sim, ser escritos por um sujeito masculino ou feminino, que neles manifeste o seu ponto de vista ou o ponto de vista do outro sexo. A conquista da identidade e da escrita pela mulher não significa forçosamente que exista uma escrita, declaradamente, feminina. A escrita, apesar de não ter sexo, será sempre diferente de escritor para escritor, quer este seja do sexo feminino ou masculino, porque terá o seu cunho pessoal.

Referências

- AGULLOL, Roberto. *O Eros da memória: horizontes da memória*. Colóquio Internacional UNESCO/ Colégio Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, set. de 2002, p. 22-42
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema II - a imagem tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil*. *Estudos Avançados*, Set./Dec. 2003, vol.17, nº 49, p.151-72. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>. Acesso em 17 novembro de 2017.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LAURETIS, Teresa de. "A tecnologia do gênero", in: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. São Paulo: Rocco, 1994.
- NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1992.
- WOELLNER, Adélia Maria. *Luzes do Espelho*. Curitiba: Protexito, 2004.

Recebido em: 30 de janeiro de 2019.

Aprovado em: 11 de abril de 2019.